



FORMAÇÃO TALIESINIANA · APOSTILA 15



AS CHAVES DA PRÁTICA MÁGICA

Feitiços e Poder Pessoal

Intenção, símbolo e ética

Sérgio Lourenço



CERRIDWEN · AWEN · HERNE





A intenção que ganha forma

A feitiçaria começa com uma intenção. Algo se deseja transformar, alcançar ou compreender, e esse propósito procura uma forma de expressão. O feitiço reúne vontade, símbolo e ação ritual para provocar uma mudança no mundo objetivo ou na experiência subjetiva de quem o realiza.

O termo é relacionado ao latim *facticius*, com o sentido de artificial, feito ou não natural. Depois, passou a designar um objeto ou uma intenção sobrenatural produzida por um agente. Na prática desta formação, a ideia de algo feito esclarece a participação do feitiçeiro: a intenção é elaborada e recebe uma forma capaz de concentrá-la.

Essa criação não se reduz a reunir objetos. O feitiço funciona como uma lente simbólica que dá direção a um propósito. A bruxa ou o feitiçeiro é o agente dessa construção, e a magia constitui a mecânica pela qual a ação ritual procura produzir seus efeitos.

Na conceituação retomada de Dion Fortune (1890-1946), a magia é a arte de provocar mudanças desejadas. Um feitiço oferece uma operação particular dentro dessa arte. A transformação pode envolver circunstâncias exteriores, mas também percepções, afetos e modos de se relacionar com a própria vida.

O esbá é um dos momentos em que essa prática encontra lugar na Wicca. O encontro com a Deusa, a expressão das necessidades e o trabalho mágico se articulam no templo. A intenção assume um corpo ritual e participa da relação entre o interior e o exterior já estudada na prática lunar.

Compreender o que se pretende realizar permite reconhecer a função de cada símbolo. A forma escolhida precisa falar ao praticante e ao objetivo. A clareza do propósito dá unidade ao conjunto e oferece um ponto de partida para a experiência.





Analogia e congruência

A consciência analógica percebe relações entre coisas distintas. Em feitiçaria, um gesto, uma imagem ou uma matéria pode representar aquilo que se deseja provocar. A congruência reúne esses elementos em torno do mesmo propósito, permitindo que a operação tenha uma direção reconhecível.

A tradição apresenta imagens ancestrais dessa forma de pensar, relacionando-as ao Paleolítico: gotas de água sobre uma pedra figuram a chuva desejada; desenhos nas paredes de uma caverna figuram a boa caçada. O comportamento intencional estabelece uma relação entre o símbolo e a consequência esperada. Essas imagens ilustram o pensamento mágico no percurso proposto pelo autor.

O símbolo participa do trabalho porque comunica uma relação construída pelo pensamento mágico. A água empregada no gesto de pedir chuva faz a intenção tornar-se visível; a figura da caça oferece uma imagem do resultado procurado. O praticante associa sua atitude ao objetivo, construindo uma linguagem de correspondência.

Um feitiço reúne símbolos congruentes, em vez de se sustentar apenas na quantidade de materiais ou na memorização de uma sequência. O valor de uma combinação se encontra na relação que ela consegue estabelecer entre o agente e o que se pretende realizar.

Essa relação também é pessoal. Uma imagem pode mobilizar profundamente alguém e permanecer indiferente para outra pessoa. Por isso, o que funciona para um praticante pode não funcionar para outro. Assimilar o significado dos elementos permite compreender como eles participam de sua própria experiência.

Na perspectiva desta formação, quem deseja o fim precisa participar da execução do meio. A vontade não pode permanecer inteiramente separada do gesto que a expressa. A feitiçaria solicita envolvimento: a intenção vivida pelo agente anima a relação analógica construída no rito.





Feitiçaria no caminho da Wicca

A prática dos feitiços ocupa um lugar na Wicca, mas os dois termos têm alcances diferentes. A Wicca é apresentada nesta tradição como religião neopagã, iniciática e de mistérios, de orientação matricêntrica. Seus ensinamentos se aprofundam pela vivência, em um caminho não revelado e não institucionalizado.

A feitiçaria, por sua vez, pode existir sem um fundamento filosófico ou religioso que a organize. Ela reúne conhecimentos de símbolos e operações rituais destinados a diferentes objetivos. A transmissão oral, os folclores e os costumes populares conservam parte desse repertório.

A distinção empregada nesta formação é que nem todo feiticeiro percorre o caminho religioso de um bruxo wiccano, enquanto o bruxo também pratica feitiçaria. A palavra “bruxo”, aqui, participa do vocabulário religioso da Arte; a palavra “feiticeiro” indica a realização das operações mágicas.

Os termos também mudam de sentido conforme o contexto. Certas práticas xamânicas adotam as denominações feitiçaria e feiticeiro para uma experiência que possui seu próprio horizonte espiritual. O autor remete às obras de Carlos Castaneda como referência para conhecer esse outro uso.

Essas diferenças ajudam a situar o estudo. Aprender uma operação não equivale a compreender toda a religião, e uma mesma técnica pode participar de caminhos distintos. Na Wicca, o feitiço se vincula à relação com os Deuses, aos mistérios, à ética e à formação do praticante.

A identidade religiosa oferece sentido ao uso do poder. Os símbolos podem favorecer objetivos concretos e, ao mesmo tempo, participar da transformação interior. O trabalho mágico se integra à devoção e à responsabilidade que orientam a jornada taliesiniana.





Heranças e linguagem ritual

A feitiçaria acolhida pela Wicca reúne inspiração pagã e influências dos grimórios de Alta Magia e de Magia Cerimonial. Suas formas carregam elementos de diferentes percursos, que se encontram no repertório de gestos, instrumentos e correspondências utilizado pelos praticantes.

O material autoral reconhece o berço judaico-cristão de parte dessas práticas cerimoniais. Também observa o interesse de muitos bruxos por métodos mais ancestrais e xamanísticos, cujos simbolismos se aproximam de uma orientação matricêntrica e pagã.

Essa busca envolve a relação entre técnica e significado. Um instrumento, uma palavra ou uma operação participa do contexto em que foi organizado. Conhecer esse vínculo permite perceber o que determinado recurso exprime e como ele se relaciona com a prática religiosa escolhida.

A inspiração pagã procura reconhecer as potências na natureza e na relação com a Deusa e o Deus. A retomada de métodos ancestrais e xamanísticos, na proposta apresentada, responde ao desejo de trabalhar com uma linguagem que corresponda a essa orientação.

O estudo da feitiçaria pede, portanto, atenção tanto às operações quanto aos sentidos que elas carregam. O repertório não se torna compreendido apenas por ser repetido. Sua assimilação depende de reconhecer o que cada elemento mobiliza dentro da experiência do praticante.

Na Tradição de Taliesin, o caminho já percorrido oferece essa base: o vínculo devocional, a cosmologia, os instrumentos, o templo e o trabalho com Lua e Terra. A intenção mágica pode encontrar apoio nesses fundamentos, preservando a congruência com a religião que a acolhe.





Vontade, ação e responsabilidade

A feitiçaria na Wicca possui dois atributos complementares. O primeiro permite buscar um objetivo por meio da mecânica da magia. O segundo faz dessa busca uma ocasião de autoconhecimento. A mudança desejada e a compreensão de quem a deseja participam do mesmo processo.

O primeiro atributo apresenta o bruxo como agente de sua realidade. Sua postura é ativa: ele participa das transformações no mundo objetivo e subjetivo. A vontade procura meios, assume uma direção e se relaciona com a vida pela capacidade de provocar mudanças.

Essa atitude encontra fundamento na ética da Arte: “faça o que desejar se ninguém prejudicar”. A ação mágica não se separa da responsabilidade. O modo de procurar um resultado precisa permanecer em relação com o cuidado que a religião exige na experiência do poder.

Um propósito envolve mais do que o entusiasmo por consegui-lo. Seu reconhecimento inclui a atenção ao que a operação mobiliza e à maneira pela qual o agente participa dela. A consciência da própria vontade permite compreender o lugar que essa busca ocupa no caminho.

A feitiçaria reúne intenção e ação simbólica. A pessoa que deseja uma mudança se envolve na elaboração do rito e reconhece sua participação naquilo que pretende transformar. O objetivo oferece direção, e a responsabilidade sustenta o modo de caminhar até ele.

O trabalho realizado no esbá pode incluir essa busca. Ao expressar suas necessidades diante da Deusa, o praticante reúne pedido, presença e compromisso. A mesma relação que acolhe o desejo também oferece ocasião para compreendê-lo com maior profundidade.





Quando o feitiço revela o desejo

Querer realizar um feitiço pode trazer à consciência a pergunta sobre o que realmente se necessita. O propósito formulado inicialmente nem sempre encerra todo o sentido da busca. A experiência ritual pode revelar aspectos que o praticante ainda não percebia com clareza.

Uma pessoa que deseja atrair amor, por exemplo, pode reconhecer durante o rito a ausência de atitudes que valorizem o próprio amor. A operação abre espaço para um insight: o que parecia apenas uma procura exterior também toca sua relação consigo mesma.

Esse reconhecimento não esvazia o trabalho mágico. Ele mostra seu segundo atributo, o autoconhecimento. O feitiço pode funcionar como um disparador de percepções preciosas, permitindo que a intenção encontre aquilo que está por trás de sua formulação inicial.

A magia menor, compreendida como a realização de feitiços, participa da construção da magia maior, o autoconhecimento. O desenvolvimento não depende somente do resultado esperado: também inclui o que se aprende ao desejar, preparar e executar uma operação.

O material autoral remete a Starhawk (2007) ao situar os feitiços como um dos eixos da Wicca. A prática não fica isolada do percurso religioso. Ela pode favorecer mudanças e, simultaneamente, ampliar a percepção de necessidades, atitudes e relações interiores.

Observar o processo permite reconhecer como um propósito se transforma durante a vivência. O Livro-Espelho já iniciado no Exercício 1 conserva seu papel de acompanhar experiências e insights. O registro pertence ao treinamento existente; esta etapa não acrescenta um novo exercício numerado.





A criatividade dos símbolos

A criatividade em feitiçaria amadurece com a assimilação dos símbolos e de seus significados. Criar uma operação pede uma linguagem capaz de reunir o propósito e os elementos que o representam. A variedade de recursos se torna útil quando participa de uma relação congruente.

Palavras escritas, cantadas ou pronunciadas podem dar forma à intenção. Sua presença oferece ritmo, imagem e direção ao pensamento. Um símbolo desenhado também pode tornar visível o que se pretende mobilizar, participando da mesma comunicação ritual.

Cores, velas, cristais e pedras integram esse repertório. As ervas podem aparecer em incensos, banhos e óleos. Esses materiais não atuam apenas como uma coleção de objetos: sua função simbólica depende do vínculo que estabelecem com o conceito trabalhado.

A multiplicidade não impede a unidade. Diferentes formas podem apontar para o mesmo propósito. O conjunto se organiza quando os significados conversam entre si e com a experiência do praticante, permitindo que a intenção seja concentrada e expressa.

Assimilar um símbolo envolve reconhecer seu sentido e sua relação com outros símbolos. A imaginação criadora encontra apoio nesse conhecimento. Um recurso deixa de ser empregado apenas porque alguém o indicou e passa a ser compreendido como parte da linguagem do rito.

As práticas já estudadas oferecem exemplos dessa articulação: a cor de uma vela, uma invocação e um instrumento participam de um campo de sentido. O aprendizado das correspondências continuará na próxima apostila, aprofundando a relação entre elementos, atributos e propósitos.





O acima e o abaixo

O axioma hermético “assim como há em cima, há também embaixo” oferece uma chave para compreender as correspondências. A tradição o atribui ao lendário Hermes Trismegisto e o relaciona à interdependência da vida e à sua linguagem oculta.

Uma rosa vermelha pode expressar amor romântico e paixão. Em outra esfera dessa leitura simbólica, esses atributos se relacionam a Vênus. Vênus, apresentada como divindade greco-latina, encarna qualidades que podem ser reconhecidas também no vegetal; a rosa se torna, assim, símbolo de Vênus e do amor.

Essa relação não consiste em tornar idênticos a flor, o planeta e a divindade. O vínculo se estabelece pelo atributo compartilhado. Cada forma participa de uma correspondência que permite aproximar níveis distintos da experiência dentro de um mesmo sentido.

Na apresentação histórica e religiosa adotada pelo autor, essa lógica orienta os ritos antigos de fertilidade da terra e de proteção. O emprego de elementos naturais oferece um modo de se dirigir às potências que patrocinam as qualidades desejadas.

O feitiço utiliza essa consciência analógica. O praticante escolhe uma forma que possa representar seu objetivo e se relaciona com a potência reconhecida nela. A intenção encontra uma linguagem que conecta o mundo dos atributos ao mundo dos materiais e gestos.

O estudo do acima e do abaixo também retoma a relação entre interior e exterior. O símbolo permite que um conceito seja vivido por meio de uma forma. A congruência sustenta essa passagem e torna a operação inteligível para quem a realiza.





As sete potências e a natureza

A apresentação autoral aproxima as tradições caldeias e persas da relação analógica entre o acima e o abaixo. Nesse percurso simbólico, sete astros recebem atributos divinos: Sol, Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno.

Esses astros são visíveis a olho nu. No vocabulário astrológico e mágico tradicional, Sol e Lua participam do conjunto dos sete planetas. Trata-se do uso dessa palavra no sistema simbólico, preservado ao estudar suas correspondências.

Os sacerdotes dos antigos sistemas religiosos reconheciam nesses corpos celestes suas divindades, cada uma com um nome específico. As potências emprestavam e patrocinavam qualidades que podiam ser encontradas em animais, metais, vegetais e outros elementos da natureza.

Para solicitar auxílio, o mago-sacerdote recorria a elementos atribuídos à divindade em seu ritual. A matéria escolhida oferecia uma relação com o atributo invocado. O gesto reunia pedido, símbolo natural e potência divina.

A feitiçaria wiccana conserva essa intenção ritual: o trabalho com correspondências permite relacionar os elementos empregados às qualidades com que se deseja operar. A aprendizagem dessa linguagem amplia a compreensão da forma escolhida para expressar um propósito.

O quadro a seguir apenas identifica o conjunto dos sete astros mencionado nesta etapa. Suas relações com os dias da semana, o encontro com os Quatro Elementos e a mecânica dos planos serão desenvolvidos na Apostila 16.

O conjunto tradicional dos sete astros

Sol · Lua · Marte · Mercúrio

Júpiter · Vênus · Saturno





Referências e continuidade

Base desta formação

LOURENÇO, Sérgio. *O Caldeirão & a Espada: O Caminho Taliesiniano de Wicca*. Manuscrito fornecido pelo autor. Lição “Algumas lições sobre Feitiços”: conceito de feitiço, consciência analógica, distinção entre feitiçaria e Wicca, heranças rituais, ética, autoconhecimento, linguagem dos símbolos, axioma hermético e introdução aos sete astros.

Tratamento do conteúdo

A exposição foi reescrita como sequência de estudos, preservando os conceitos, os exemplos e as referências apresentados pelo autor. As relações entre símbolos, natureza e divindades pertencem à compreensão mágico-religiosa da Tradição. As imagens ancestrais e o percurso histórico são apresentados no enquadramento adotado pelo material autoral.

Dion Fortune é retomada na definição da magia; Carlos Castaneda é mencionado como referência para outro uso dos termos feitiçaria e feiticeiro; Starhawk (2007) é citada pelo autor ao tratar da prática dos feitiços como eixo da Wicca. O axioma hermético é relacionado a Hermes Trismegisto.

Consulta e treinamento

Conceito e analogia: páginas 2-3. Contexto religioso e heranças: páginas 4-5. Ética e autoconhecimento: páginas 6-7. Símbolos e correspondências: páginas 8-10. As relações com os sete astros são introduzidas aqui e continuarão na etapa seguinte.

Esta passagem da fonte não apresenta um exercício numerado ou uma fórmula prática de feitiço. Não foi acrescentada uma receita. A numeração dos Exercícios 1-7 permanece preservada, e o Livro-Espelho continua acompanhando o percurso.

Próxima etapa

Apostila 16 · Correspondências e mecânica da magia. Dias da semana, Setenário Magístico, Quatro Elementos, técnicas, Círculo Mágico e relação entre os planos e a manifestação.

